

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África

Valdeir Conegundes Salvador Soares

**NEGOCIAR PARA (RE)EXISTIR: AS IRMANDADES
RELIGIOSAS NEGRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Rio de Janeiro
2021



Valdeir Conegundes Salvador Soares

**NEGOCIAR PARA (RE)EXISTIR: AS IRMANDADES RELIGIOSAS NEGRAS
NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador Professor Dr. Rogério Cunha de Castro.

Rio de Janeiro

2021

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S676 Soares, Valdeir Conegundes Salvador
Negociar para (re)existir: as irmandades religiosas negras no ensino de história / Valdeir Conegundes Salvador Soares. - Rio de Janeiro, 2021.

31 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Rogério Cunha de Castro.

1. História da África – Estudo e ensino. 2. Religiões africanas. 3. Religião - História. I. Castro, Rogério Cunha de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 960

Valdeir Conegundes Salvador Soares

**NEGOCIAR PARA (RE)EXISTIR: AS IRMANDADES RELIGIOSAS NEGRAS NO
ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em: 20/12/2021.

Professor Dr. Rogério Cunha de Castro (Orientador)
Colégio Pedro II – EEHA

Professor Me. Luciano de Moura Guimarães
Colégio Pedro II – EEHA

Professor Dr. Leonardo Leonidas de Brito
Colégio Pedro II – PROFept

RESUMO

SOARES, Valdeir Conegundes Salvador. **Negociar para (re)existir**: as irmandades negras no Ensino de História. 2021. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

Este artigo tem como principal objetivo chamar atenção para o fenômeno de surgimento de irmandades religiosas negras, ao longo da história do Brasil. Visamos contribuir para a quebra de visões reducionistas e discriminatórias sobre a história da população afro-brasileira. Buscaremos demonstrar que africanos, e afrodescendentes, não foram tomados pela apatia e submissão frente ao sistema escravista. Buscamos evidenciar suas escolhas para a manutenção da vida e de suas visões de mundo. Visando cumprir nossos objetivos iremos nos apoiar nas pesquisas e bibliografias referentes ao ensino de história para desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica que apresente aos alunos a história das irmandades negras no Brasil. A escolha destas temáticas para a o presente artigo se deu não só em função da necessidade de cumprimento da legislação educacional, mas também por acreditamos que estas podem contribuir com as demandas sociais contemporâneas de inclusão da educação antirracista no ensino de história e na escola de uma forma em geral. Buscamos contribuir para a construção de uma cultura escolar verdadeiramente democrática.

Palavras-chave: Irmandades religiosas negras. Ensino de História. Educação

ABSTRACT

SOARES, Valdeir Conegundes Salvador. **Negociar para (re)existir**: As irmandades negras no Ensino de História. 2021. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

This article aims to draw attention to the phenomenon of the emergence of black religious brotherhoods throughout the history of Brazil. We aim to contribute to breaking down reductionist and discriminatory views on the history of the Afro-Brazilian population. We will seek to demonstrate that Africans, and Afro-descendants, were not taken by apathy and submission in the face of the slave system. We seek to highlight your choices for the maintenance of life and your views of the world. Aiming to fulfill our objectives, we will rely on research and bibliographies related to the History teaching to develop a proposal for a pedagogical intervention that introduces students to the history of black brotherhoods in Brazil. The choice of these themes for this article was not only due to the need to comply with educational legislation, but also because we believe that they can contribute to contemporary social demands for the inclusion of anti-racist education in history teaching and at school in a way in general. We seek to contribute to the construction of a truly democratic school culture.

Keywords: Black religious brotherhoods. History teaching. Education

SUMÁRIO

Sumário	7
Introdução	8
1. As irmandades religiosas	10
1.1 As irmandades negras	12
1.2 Os santos de devoção, pertencimentos e negociações	13
2. As irmandades negras no interior da aula de história	17
3. Intervenção pedagógica	20
Considerações finais	24
Bibliografia	25
Anexo I - inventário dos lugares de memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil	27
Anexo II - fotos de congadas no século XIX	28
Anexo III - cartaz da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos homens pretos no Rio de Janeiro	29
Anexo IV - recortes de jornais sobre a perseguição as religiões de matriz africana	30

Introdução

Pelas ruas da cidade de Cachoeira, no recôncavo da Bahia, na noite do dia treze de agosto de dois mil e dezenove, em pleno inverno brasileiro, surge um grupo de mulheres negras em procissão. Senhoras trajando vestes brancas e entoando cânticos religiosos em coro. Todas carregando velas e sendo acompanhadas por uma multidão. No centro deste cortejo está sendo transportada, em passos cuidadosos e curtos, uma imagem de Nossa Senhora de traços serenos e segurando flores, deitada preparando-se para sua assunção. Este mesmo cortejo religioso ocorre desde o século XIX na Bahia, sempre no mesmo dia e com o mesmo propósito, demonstrar publicamente a devoção a Nossa Senhora da Glória e da Boa Morte.

Essa celebração mariana faz parte da trajetória histórica de uma das irmandades religiosas mais antigas do Brasil. Composta somente por mulheres a procissão secular promovida pela Irmandade da Boa Morte nos levou a algumas inquietações. A primeira delas é como uma instituição, surgida ainda durante o regime escravista, continua a existir? O que uniu as fundadoras e continua a juntar as irmãs no século XXI? Por que a história destas mulheres não está em nossos livros didáticos de história? Quais estratégias e recursos pedagógicos os professores podem utilizar a partir da história desta, e de outras, irmandades religiosas para a sua prática de ensino?

Iremos ao longo deste artigo tentar construir uma aproximação entre o ensino da história com o universo religioso das irmandades negras brasileiras. Começaremos definindo o que são as irmandades religiosas. Depois passaremos a especificidade das irmandades negras no Brasil, destacando principalmente, suas trajetórias e ações. Por último iremos propor uma aproximação entre a história destas irmandades negras com o ensino de história. Objetivamos com isso contribuir para a construção de um instrumento de uma educação antirracista. Queremos com isso afastar o que a autora Chimamanda Adichie (2018) chamou de perigo da história única.

Nossa proposta tem como objetivo romper com certas interpretações reducionistas que limitam a participação negra africana, e afro-brasileira, ao universo laboral. Buscamos demonstrar que ao longo da história esses homens e mulheres foram capazes de se organizarem e de criarem instituições, laços de pertencimento e, principalmente, que não foram reduzidos a instrumentos de trabalho. Mesmo sequestrados e violentados estes foram capazes de manter sua força criativa e sua vitalidade.

Nossa preferência pelas temáticas contempladas por este artigo se relaciona as diversas possibilidades de abordar o tema da religiosidade nas aulas de história. Fazendo uma leitura crítica sobre as narrativas e os conteúdos curriculares vamos encontrar a temática religiosa disseminada em quase todos os conteúdos relacionados ao ensino de história no meio escolar.

O fenômeno religioso faz parte da construção de narrativas desde os primeiros ciclos de formação escolar: datas comemorativas, narrativas mitológicas e até mesmo a escolha de um calendário estão relacionadas a religião (não atoa usamos o nascimento de Cristo como marcador de tempo nas aulas de história). Nossa proposta visa deixar evidente que tais escolhas fazem parte de uma narrativa que busca privilegiar determinadas culturas em detrimento de tantas outras.

Nosso pressuposto é que as narrativas hegemônicas, apresentadas por boa parte dos currículos escolares, contribuem para o silenciamento dos valores civilizatórios afro-diaspóricos. Nesse sentido atentar para a formação das irmandades negras pode ser uma valiosa estratégia na busca por alternativas na construção de um currículo voltado para a formação de uma nova cultura escolar, mais democrática, menos discriminatória e principalmente antirracista.

Antes de prosseguirmos devemos deixar evidente o que estamos entendendo por currículo. Afirmamos isso pois este é um conceito central para o entendimento das práticas docentes e para as formulações das políticas públicas voltadas para a área da educação. Apesar de sua centralidade este conceito, é em nosso entendimento, um campo de disputa em aberto, ou seja, ainda não é possível delimitarmos uma conceituação que abranja a todas as possibilidades e interpretações sobre o que é, ou deveria ser, o currículo.

Diante disso, e levando em consideração as limitações de um artigo, usaremos o entendimento proposto por Silva (2011) que enxerga o currículo em sua forma mais ampla. O texto curricular é, segundo este autor, o resultado da soma dos livros didáticos, dos livros paradidáticos, das lições orais, das orientações curriculares oficiais, dos rituais escolares, das datas festivas e datas comemorativas. Podemos concluir que a conceituação de currículo aqui defendida o entende como um somatório que envolve, escolhas, práticas e limitações legais.

Por ser resultado de um complexo processo de escolhas e silenciamentos estamos concordando com Silva (2011) que o currículo não é um conceito fechado e definitivo.

Mas talvez seja essa característica, de incompletude, que habilite este conceito para o debate de diferentes questões. Nosso objetivo é evidenciar que este não é um elemento neutro. Entendemos que o currículo serve tanto para a manutenção das condições sociais e históricas relacionadas a desigualdade e ao racismo, quanto para uma mudança deste terrível cenário. Logo concordamos com o autor ao afirmar que este conceito pode, e deve, ser interpretado como uma narrativa étnico-racial.

1. As irmandades religiosas

Em recente publicação a professora Lucilene Reginaldo (2018) nos apresenta sua interpretação sobre as irmandades religiosas. A autora começa por apresentar o fenômeno de surgimento de irmandades religiosas como um todo. Somente em um segundo momento a autora se propõe a entrar nas especificidades das irmandades religiosas negras.

Devemos chama a atenção para a definição, ocorrida ainda no século XVIII, de irmandades. Segundo a definição do livro *O vocabulário Português e Latino* de Rafael Bluteau¹ as irmandades seriam uma sociedade de pessoas que em virtude de um compromisso, se obrigam a fazer exercícios espirituais sob a invocação de um santo padroeiro. Apesar desta definição do século XVIII as irmandades teriam uma história pregressa muito distante, temporalmente e culturalmente, da Europa cristã. Segundo Reginaldo (2018) as irmandades teriam origens pagãs (*Collegia* romana e Guildas germânicas). Somente por volta do século XIII, sob o impacto das crises estruturais do feudalismo, que as práticas de ajuda mútua e caridade ganharam importância.

Certamente o contexto crítico do fim da Idade Média contribuiu para a formação destas ações de colaboração e auxílio. Tais organizações atuavam para sanar, ou mitigar, vários problemas sociais além de exercer uma pluralidade de funções: filantropia, gestão de pequenos hospitais e auxílio nos ritos funerários. Já no início da modernidade o que se pode observar é uma disseminação destas irmandades em Portugal, Espanha, França e Itália.

No caso específico dos portugueses o que se observa é uma forte relação entre as irmandades com o poder monárquico. O padroado régio português permitia que o poder temporal se envolvesse nas decisões eclesiais, um exemplo disto está no fato dos

¹<https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>

compromissos², também chamados de estatutos ou regimentos, terem de ser submetidos a avaliação do poder régio. Outra pista desta aproximação é vista em 1498 quando o próprio monarca lusitano funda a Irmandade da Misericórdia para prestar auxílio espiritual e material aos necessitados. Reginaldo (2018) nos ajuda a entender um pouco melhor o que eram esses compromissos:

Os documentos estabeleciam as regras de conduta para a vida dos irmãos; neles eram estipuladas as normas de cunho associativo, como os critérios de presença, o valor do pagamento das joias (entradas) e anuidades, a organização de eleições, a definição dos cargos da mesa diretora, e as práticas de ajuda mútua e filantropia. Os estatutos também tratavam de assuntos mais elevados, disciplinando e organizando a vida e a morte dos associados: as práticas devocionais regulares, os ritos fúnebres, o culto e a realização da festa do patrono. (REGINALDO, 2018, p.270)

No século XVIII o império ultramarino português estabeleceu que todas as irmandades existentes em seus domínios submetessem a Lisboa seus compromissos para fins avaliativos. Nos levantamentos documentais feitos por Reginaldo (2018) no ano de 1765 chegaram a Lisboa para avaliação sessenta e cinco compromissos advindos do arcebispado da Bahia. Ainda no contexto do início da Idade Moderna surgem as chamadas Irmandades de Ofício, onde um dos critérios para admissão era exercer uma determinada atividade laboral. Ferreiros, ourives, barbeiros, carpinteiros, por exemplo, formaram suas irmandades em Portugal e no Brasil.

Com o avanço da política colonial portuguesa novas irmandades, estatutos e critérios foram surgindo. Questões como estatuto jurídico, livre ou escravo, cor de pele, branco, negro, mulato ou pardo, foram sendo incorporados a nova dinâmica de aparecimento das irmandades. Logo podemos observar que a religião, a estrutura clerical e o avanço do colonialismo estão intimamente interligados.

Devemos observar que tais eventos levaram ao surgimento de várias possibilidades de atuação para os homens e mulheres deste contexto histórico. Em nossa interpretação as irmandades religiosas negras surgiram como mais um espaço de atuação dos homens e mulheres escravizados. Tais espaços formaram um valioso instrumento para resistir, pelo menos em parte, a desumanização imposta pelo regime escravista.

² Nomes dados aos documentos que fundamentam as ações das irmandades.

1.1 As irmandades negras

Diante do exposto podemos afirmar que as irmandades surgem como resposta aos problemas espirituais e materiais dos homens. No entanto esses homens não são iguais e não integram uma sociedade igualitária, logo cada irmandade irá buscar suprir uma necessidade. Mesmo sofrendo com o peso do racismo e da violência física os homens e mulheres negros buscaram formar suas irmandades para suprirem suas necessidades de ordens espirituais e materiais.

A primeira irmandade de negros de Lisboa teve seu compromisso aprovado em 1565, segundo Reginaldo (2018). A farta documentação, trabalhada pela autora, mostra que o surgimento de irmandades composta por negros não ficou restrito a Lisboa. Na chamada América Portuguesa essas irmandades foram fundamentais para a expansão e manutenção do culto católico. No caso do Brasil, segundo Reginaldo (2018) as irmandades negras mais antigas são dedicadas à Nossa Senhora do Rosário, sendo a da cidade do Rio de Janeiro a mais antiga (1639). Devemos deixar evidente que o aparecimento das irmandades negras pode ser relacionado ao crescimento dos domínios portugueses pelo mundo, mas também, as estratégias individuais e coletivas de sujeitos submetidos a este. Segundo Reginaldo:

A criação e, sobretudo, a proliferação das irmandades negras relacionam-se com o crescimento da população escrava e forra, com a necessidade de catequização implícita ao projeto colonial e, também, com o grande interesse dos escravos e libertos por elas. (REGINALDO, 2018, p.272)

Assim sendo devemos ver que a adesão a estrutura do catolicismo romano não foi feita de forma automática e a acrítica. Alguns africanos e afrodescendentes viram nas irmandades religiosas uma possibilidade de atenuação de suas condições frente ao racismo constitutivo de seu tempo. Evidente que esta foi uma escolha condicionada pelo contexto escravista. As irmandades representavam, em nossa interpretação, uma possibilidade de ação dentro um universo de possibilidades muito limitador aos homens e mulheres negras, escravizados ou não.

A preocupação com os cuidados *post-mortem* fez com que estes homens e mulheres buscassem se associar. É de chamar atenção o nível de detalhamento dado pelas irmandades negras, em seus compromissos, as questões relacionadas a funerais, tumbas, missas e aos custos para se ter uma boa morte. Devemos lembrar que a morte é um rito de passagem importante para muitas religiões. Pesquisas arqueológicas recentes mostram,

através de vestígios variados, o destino dos africanos que não resistissem as viagens nos tumbeiros. Conforme nos mostra o professor Júlio César Medeiros da Silva Pereira em *À Flor da Pele: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro* (2014) havia um medo compartilhado entre a população africana e afrodescendente relacionado ao sepultamento feito sem os devidos cuidados e respeito.

1.2 Os santos de devoção, pertencimentos e negociações

Outra questão que não pode passar despercebida, quando se trata da formação de irmandades religiosas, é a escolha do santo de devoção. Nos casos das irmandades negras chama atenção as características físicas atribuídas aos santos ou as suas histórias de vida. Entre os mais escolhidos estão: São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio de Categeró e Santo Elesbão. A proporção do vasto império colonial luso possibilitava, segundo Karasch (2010), uma infinidade de ideias e devoções. Assim sendo fazer parte de uma irmandade religiosa representava ter refúgio e familiaridade, mesmo em contextos distintos, e isso para os homens e mulheres escravizados certamente serviu de estímulo para resistir frente ao regime escravista.

Devemos lembrar que essas irmandades negras carregavam consigo as identidades de seus organizadores, logo, surgem irmandades relacionadas as mais diferentes culturas africanas. Chamar atenção para esse fato nos ajuda a afastar a falaciosa ideia generalidade, que acaba retirando dos homens e mulheres negros seu direito a diferença.

O debate sobre o pertencimento étnico e a formação das irmandades religiosas foi apresentado pelo historiador João José Reis num artigo publicado em 1996. Para iniciar sua exposição o autor começa por apresentar uma fonte histórica. Trata-se de um relato sobre uma comemoração religiosa feita no Recôncavo Baiano no ano de 1809. Na ocasião diferentes grupos de escravizados haviam se reunido em praça pública para dançar e festejar o Natal. Neste relato, feito por um capitão de milícia de Santo Amaro, fica evidente as diversas possibilidades de se analisar uma fonte histórica.

Segundo o relato alguns espectadores interpretaram aquele festejo como um ato de bondade dos senhores, que não impediam a festa como forma de amenizar as agruras diárias que aqueles homens e mulheres passavam devido sua condição de cativo. Outros, como um padre local, via naquela reunião uma afronta a organização social daquele contexto histórico.

Essa festa permitia que diferentes grupos étnicos africanos, formados na diáspora ou não, estivessem reunidos em um mesmo espaço e para um único propósito, a festa. No entanto esse mesmo festejo possibilitou que esses homens e mulheres demonstrassem publicamente suas diferenças de pertencimento étnico, uma vez que estes estavam organizados a partir de seus pertencimentos. Segundo Reis (1996) o Natal de Santo Amaro servia ao mesmo tempo para juntar e separar os negros escravizados.

Essa é uma importante ressalva, pois, mesmo estando sob a égide do regime escravista esses homens ainda conservavam consigo suas identidades e seus pertencimentos. Podemos perceber que o regime escravista não utilizava somente a força de feitores, capatazes e capitães do mato para se manter. O que havia era uma constante mescla entre o uso da força e da persuasão. Nesse sentido a permissão para a festa de Natal, conforme nos mostra o documento, é também uma estratégia para a manutenção do regime escravista ao mesmo tempo que revela a capacidade de organização e mobilização, mesmo com poucos recursos destes homens e mulheres. Podemos concluir que a devoção pública era uma das muitas formas que os escravizados encontravam para afirmar sua humanidade.

Com os mesmos intuitos de demonstrar sua capacidade organizativa, afirmar suas humanidades e pertencimentos é que surgiram as irmandades religiosas negras, João José Reis (1996) nos lembra que:

No interior das irmandades, dedicada a diversos santos católicos, africanos de diversas nações, além de crioulos e pardos, desenvolveram práticas e enfrentaram situações semelhantes às suscitadas pelos acontecimentos de 1808 no Recôncavo baiano. Questões relativas à identidade e à diversidade étnicas e a alianças interétnicas foram constantes na vida dos irmãos negros, como foram os enfrentamentos e as negociações com os brancos. (REIS, 1996, p.3)

Conforme podemos observar haviam muitas possibilidades de ação e também muitas formas de repressão no universo escravocrata brasileiro. Os limites da autonomia e da ação da parcela africana, e afrodescendente, estava em constante disputa. Senhores e escravizados estabeleciam campos de negociações, efetivas ou simbólicas, para determinar os limites. Estamos de acordo com Reis (1989) e sua teoria sobre o espaço de negociação, onde a conduta da grande maioria dos escravizados estava situada entre a revolta e a submissão.

Logo as irmandades religiosas negras podem ser interpretadas, ao nosso ver, como a materialização física deste espaço de negociação. A formulação de uma identidade coletiva representava para os integrantes das irmandades negras uma possibilidade de resistir e reexistir, uma vez que, nestes espaços de relativa liberdade de ação estes homens e mulheres puderam reformular suas identidades a partir de critérios definidos por eles mesmos. Podemos ver essa questão de forma mais evidente nos compromissos das irmandades com suas regras de inclusão e exclusão de novos membros.

Também podemos perceber, ao ler os compromissos das irmandades negras, que havia espaço até mesmo para os brancos. A participação de pessoas brancas não representava uma suspensão nos critérios étnicos, ou de pertencimento, por parte de seus membros, era uma escolha prática. Devemos lembrar que uma parcela significativa da população negra naquele contexto não tinha acesso à educação formal, logo, os brancos eram aceitos para cuidar dos livros por uma razão prática e não étnica. Além disso havia a possibilidade de grandes doações além da imposição por parte do governo régio.

Podemos observar então que tais irmandades religiosas podiam representar o pertencimento, mas também, as escolhas práticas que visavam a manutenção da liberdade e da ação de homens e mulheres negros ao longo da história do Brasil. Estas instituições não tinham como objetivo fim ser uma trincheira radical de luta contra o escravismo, no entanto, estas instituições foram usadas para abrir espaço no interior dos limites do próprio sistema escravista.

As irmandades negras atuavam como instituições intermediárias entre os interesses do poder governamental e clerical e a população negra. Vejamos um exemplo desta intermediação:

A união de santos negros e seus devotos em determinados dias sagrados possibilitou às nações africanas relembrem sua terra e suas tradições culturais. Em 1786, em Salvador, por exemplo, a irmandade do Rosário pediu à Rainha Maria I permissão para usar máscara, dançar e cantar em língua angolana na homenagem dedicada a Nossa Senhora. As cerimônias organizadas por irmandades negras nas igrejas eram cristãs, entretanto os amigos e as famílias não cristãs utilizavam os dias dos santos para propósitos africanos. (KARASCH, 2010, p.269)

Além das questões subjetivas que envolvem o pertencimento religioso e étnico as irmandades negras traziam ajuda para as questões da vida cotidiana. Vejamos por

exemplo a questão da compra de uma carta de alforria. Em um contexto de perda parcial ou total de liberdade como os escravizados faziam para juntar dinheiro em segurança?

Apresentar uma questão como essa pode ser de grande valia para os professores que buscam despertar em seus alunos visões outras sobre a atuação dos escravizados. Logo apresentar a Caixa de Guardar, criada pela Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, na Bahia do século XIX, pode chamar atenção dos alunos para a força inventiva e criativa destes homens e mulheres, afastando a visão reducionista e discriminatória que recaem sobre a população negra durante a vigência do regime escravista.

Diante do exposto até o presente momento podemos refletir sobre os limites destas negociações. Quais seriam as posturas defendidas por essas irmandades religiosas que não seriam negociáveis? E quais seriam as reações ao desrespeito destes limites? Para responder a tais inquietações usaremos, mais uma vez, um trabalho de pesquisa do historiador João José Reis (1991). No livro *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX* o autor nos convida a conhecer o quadro social e histórico que levaram ao levante popular chamado de Cemiterada.

Ocorrido na Bahia em 28 de outubro de 1836, esse levante ocorreu em função da criação de uma lei que passou a proibir os sepultamentos em igrejas no perímetro urbano. Uma empresa privada, criada especialmente para esse propósito, ficaria encarregada pelos sepultamentos. A criação deste monopólio trouxe um profundo descontentamento de parte da população, sobretudo, entre as irmandades religiosas que até então geriam o que o autor chamou de bem morrer.

Este levante envolveu milhares de pessoas e dezenas de irmandades religiosas que desaprovavam com veemência as novas deliberações legais. Em uma primeira leitura pode parecer que as bases do levante, que entre outros acabou com a destruição do novo cemitério Campo Santo está baseada em perdas econômicas. No entanto devemos lembrar que não se tratou apenas de uma questão jurídica ou econômica, os homens e mulheres que articularam e executaram a Cemiterada, ao defenderem a manutenção dos enterros em igrejas, estavam defendendo, sobretudo, suas próprias visões de pertencimento ao mundo.

Mais uma vez com o auxílio da documentação foi possível demonstrar o quão complexo eram os limites das negociações dentro de um regime escravistas para as

irmandades religiosas negras. Assim como no caso do Natal de Santo Amaro é possível perceber que um mesmo evento histórico pode ser percebido de diferentes modos. E que mesmo em constante diálogo com as instâncias do poder constituídos haviam pontos de conflitos. As irmandades religiosas, sobretudo as negras, agiam para ampliar ou consolidar espaços de liberdade.

Assim sendo não podemos reduzir a ação das irmandades religiosas negras a simples instrumentos de controle social. Elas foram importantes instrumentos nas mãos de homens e mulheres que frente a um mundo hostil e perigoso souberam articular seus interesses para se manterem vivos. Organização, articulação, identidade, pertencimento são exemplos de conceitos que os professores de história podem acionar a partir da história destas irmandades. Quebrando com isso uma imagem congelada e equivocada de submissão que insiste em cair sobre as narrativas históricas que envolvem a população negra ou afrodescendente brasileira.

2. As irmandades negras no interior da aula de história

Em um artigo publicado no livro *500 anos de educação no Brasil* o professor Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (2000) nos coloca diante de várias reflexões acerca do passado histórico brasileiro, sobretudo, no que se refere a escravidão e ao seu legado. Logo no início somos convidados a refletir sobre as disparidades educacionais existentes no Brasil. A relação geracional entre a parcela negra de nossa população merece destaque. Segundo o autor as gerações mais novas (entre 20 e 40 anos) possuem mais anos de contato com o sistema de ensino formal enquanto que as gerações mais velhas (entre 60 e 40 anos) possuem um elevado grau de analfabetismo. O autor parte destes dados para questionar o que ele classificou como mito da teoria educacional que relaciona o capital cultural da família ao sucesso escolar.

Na interpretação de Gonçalves (2000) não é possível associar o sucesso escolar das crianças a escolaridade dos pais. Se assim fosse como poderíamos explicar que pais e avós analfabetos influenciaram e estimularam na formação das gerações futuras? Para responder essa questão, segundo o autor, é necessário relativizar o papel exercido pelo capital cultural familiar, uma vez que esse é um fator condicionante para o sucesso escolar. No caso específico de nossa sociedade se faz necessário levar em consideração a ação do Estado, sobretudo, a partir de suas políticas públicas de educação. Neste sentido

a universalização do acesso à escola pública e gratuita foi um dos fatores que fez com que as gerações mais novas de negros brasileiros se diferenciassem de seus pais e avós.

Ao lançar um olhar histórico sobre a questão da disparidade escolar iremos perceber que não é possível ignorar o peso exercido pelo passado escravista em nossa sociedade. Mesmo no século XIX, período em que surgem as primeiras leis abolicionistas e a Abolição, as ações do Estado são insuficientes, ou inexitem, quando se trata da educação de africanos e seus descendentes. Nem mesmo a mudança ocorrida com o fim do regime escravista e com a proclamação da República não foram suficientes para mudar de forma significativa essa relação.

No ano em que se comemorava o centenário da Abolição algumas entidades ligadas a Igreja Católica no Brasil passaram a recuperar o papel evangelizador da Igreja em defesa dos oprimidos. Diante disto o autor nos coloca diante de uma seminal questão: Teriam as irmandades dos negros católicos influenciado a educação dos negros brasileiros?

Para responder a essa questão o autor começa por rememorar o peso que o cristianismo teve na formação do chamado mundo moderno. Em sua interpretação o cristianismo legitimou prática, e teoricamente, o sistema colonial. Nesta perspectiva não haveria no catolicismo colonial brasileiro a menor condição de oferecer uma educação voltada para a liberdade. Mesmo no que se refere aos ensinamentos doutrinários da igreja aos negros não caberia o ensino. Segundo o autor a palavra escrita lhes era inacessível. E justamente por isso a devoção aos santos estão na base do catolicismo praticado pelas classes populares.

Justamente por essa devoção é que surgem as irmandades negras. Essas irmandades foram a saída encontrada para livrar a coroa da construção de novas igrejas (assegurando o culto) e como oportunidade de apartar negros e brancos na hora da missa. Segundo o autor: “Como bons cristãos, agiram para conversão de seus escravos sem precisar aceita-los no mesmo espaço de culto.” (GONÇALVES, 2000, p. 332).

Devemos chamar atenção para o fato de haver diferente irmandades religiosas destinadas a diferentes públicos. Essas irmandades eram mais voltadas para atividades sociais que mística, segundo o autor. Neste sentido não havia uma preocupação destas instituições para a escolarização. No entanto se interpretarmos a educação como uma técnica social capaz de influenciar comportamentos, como a interpretação de Gonçalves

(2000) sobre Karl Mannheim, podemos sim afirmar que essas irmandades agiram durante décadas para a educação da população afro-brasileira.

É do encontro da pesquisa histórica com o saber histórico escolar que ganha força o trabalho do professor de história. A combinação entre essas duas vertentes pode fazer da aula de história um momento de reflexão e de compartilhamento de saberes. Tomemos o exemplo das Irmandades religiosas negras do Brasil, a partir deste tema os professores de história, mas não somente estes, podem propor inúmeras possibilidades de intervenções, visando, sobretudo, fugir do pedantismo e do verbalismo.

A partir da história de formação das irmandades podemos fazer uma análise de um estilo artístico e arquitetônico, característico de nossa história nacional: o Barroco Mineiro. Para a abordagens desse tema os professores podem apresentar, através de fotos ou visitas guiadas, as igrejas de irmandades religiosas negras construídas com essas características. Destacando a inventividade e as habilidades de seus construtores, em sua esmagadora maioria homens negros. De forma complementar o professor pode ainda apresentar a história de vida e as obras do mestre Aleijadinho. Mais uma vez destacando a força criativa da população afro-brasileira.

As igrejas de irmandades em nossa leitura podem ser interpretadas como vestígios do passado. Assim podemos dizer que, ao lado dos Compromissos, essas igrejas também podem auxiliar os professores de história quando este for tratar do uso de fontes históricas, muito comum em turmas do sexto ano do ensino fundamental II. O professor pode ler junto com os alunos trechos dos compromissos e com isso estimular a imaginação histórica destes. De forma complementar pode-se ainda iniciar um debate sobre preservação patrimonial, uma vez que muitas destas igrejas são tombadas por diferentes esferas do poder público.

Questões relacionadas à História Local também podem ser suscitadas a partir da história das irmandades religiosas negras. Existe uma variada literatura sobre a participação de instituições religiosas leigas na construção de vários núcleos urbanos em nosso território nacional. Não se pode ignorar a participação histórica destas instituições para diversas cidades: Rio de Janeiro, Salvador e Minas Gerais, por exemplo. E assim como nas outras possibilidades de abordagem fica latente as várias possibilidades de construção de uma abordagem multidisciplinar, nesse caso específico com a área da geografia. A elaboração de roteiros geográficos aos lugares de memória, que incluísse as

igrejas de irmandades, ampliaria visão dos alunos sobre o passado e sobre a participação da população afrodescendente para a formação das cidades.

As histórias de origem de manifestações culturais afro-brasileiras também podem ser contadas a partir das irmandades religiosas negras. Congada e o Reisado são manifestações que surgiram fortemente atreladas ao meio religioso católico afro-brasileiro. Apresentar aos alunos a preparação e as diversas mobilizações feitas por homens e mulheres negros ao longo de vários séculos é importante para afastar uma visão objetificadora sobre a diversidade humana. Ao lutar por seu direito a festejar esses agentes históricos reivindicam suas humanidades.

Essas são apenas algumas das várias possibilidades de abordagem da história das irmandades negras brasileiras e seus desdobramentos na sala de aula. Estamos convencidos que tais abordagens podem contribuir para a formação de nossos alunos, não só na área educacional, como também atuar em suas subjetividades, uma vez que, tais temas atravessam questões como pertencimento e alteridade.

Não podemos esquecer que a escola exerce um papel preponderante em nosso processo de sociabilização. É no ambiente escolar que as crianças, negras ou brancas, vão formar boa parte de seus pertencimentos raciais e visões de mundo. É também neste ambiente, visto como microcosmo da sociedade como um todo, que estas mesmas crianças vão aprender os estereótipos, os falseamentos históricos e o racismo que recaem sobre os negros em nossa sociedade.

3. Intervenção pedagógica

Buscando chamar a atenção para as muitas possibilidades de trabalhar a religiosidade africana em sala de aula iremos propor uma intervenção pedagógica para pensar a relação entre as sociedades centro-africanas e sua relação com o catolicismo. Para tal iremos usar fontes relacionadas as irmandades católicas formadas por escravizados e seus descendentes. Além disto iremos propor uma discussão sobre intolerância religiosa. Para alcançar os objetivos desta intervenção iremos lançar mão de algumas fontes históricas: fotos, quadros, desenhos e recortes de jornal. Pensando na atualidade das temáticas debatidas iremos propor ainda a investigação de uma hashtag.

Para começar nossa proposta iremos recomendar que o professor organize a turma em grupos e que cada grupo procure no *Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico*

Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil (Anexo I) uma igreja para apresentar sua história. A escolha deste levantamento, produzido pelo *Laboratório de História Oral e Imagem Campus de Gragoatá – UFF*, é de suma importância para dimensionarmos para os alunos as variadas igrejas de irmandades de escravizados e de seus descendentes. Isso já os coloca diante de uma nova possibilidade de interpretar a religiosidade africana no Brasil.

Depois das apresentações dos grupos estamos propondo que o professor promova uma discussão sobre como a religiosidade católica ganhou novos contornos depois do contato com a área centro-ocidental da África. Para tal recomendamos que o professor se utilize de fotos das congadas no século XIX (Anexo II) para elucidar a relação histórica entre os escravizados classificados como “*Congos*” com o catolicismo. Além disto essas fotos podem ser comparadas com o escrito de João Mauricio Rugendas em seu livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*:

Dir-se-ia que após os trabalhos do dia, os mais bulhentos prazeres produzem sobre o negro o mesmo efeito que o repouso. À noite, é raro encontrarem-se escravos reunidos que não estejam animados por cantos e danças; dificilmente se acredita que tenham executado, durante o dia, os mais duros trabalhos, e não conseguimos nos persuadir de que são escravos que temos diante dos olhos. (RUGENDAS, 1979 p. 279)

Esse trecho do livro de Rugendas (1979) nos coloca mais uma vez diante da vivacidade da experiência humana sobre a terra. Mesmo estando em uma sociedade que tentava a todo modo esvaziar suas vidas de sentido os escravizados ainda encontravam forças para festejar. Essa dimensão é extremamente importante para propor uma alternativa as narrativas relacionadas a dor e ao sofrimento. Não estamos com isso querendo negligenciar os desfortúnios vividos pelos escravizados, o que estamos propondo é uma narrativa complementar que não reduza a história destes seres humanos a simplesmente uma história de dor e sofrimento. Também para pensarmos de forma relacional estamos propondo que o professor apresente aos alunos o cartaz produzido pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro (Anexo III). O professor deve chamar atenção para a data de fundação desta irmandade.

Feita as colocações sobre as práticas religiosas entre as culturas africanas e o catolicismo iremos propor aos alunos que atentem que nem sempre os africanos

escravizados e seus descendentes tiveram suas práticas religiosas respeitadas. Mesmo com o final do regime escravista as práticas religiosas de matriz afro eram perseguidas pelo Estado. Para evidenciar essa repressão por parte do Estado estamos propondo que os alunos leiam os dois trechos retirados de jornais do início do século XX (anexo IV).

Como a proposta central desta atividade é discutir as várias forma de experienciar a questão religiosa por parte dos africanos, e seus descendentes, estamos propondo que o professor pense sempre de forma relacional, ou seja, sempre alertando para as múltiplas possibilidades do fenômeno religioso. As práticas religiosas, independentemente se relacionadas ao catolicismo ou não, aparecem aqui como um elemento de resistência frente a tentativa de silenciamento e apagamento produzido pelo regime escravista.

Para acabar essa atividade estamos propondo que o professor apresente aos seus alunos um contraponto as reportagens do anexo IV. Estamos falando do Movimento Liberte Nosso Sagrado, uma hashtag virtual, que possibilitou uma importante vitória dos Movimentos Negros frente a questão do racismo religioso. Como encaminhamento final estamos propondo que o professor apresente aos alunos os cartazes, abaixo, e proponha uma discussão sobre liberdade religiosa e direito a história.





Considerações finais

Diante do exposto até aqui podemos traçar algumas leituras conclusivas, a primeira delas é que a história de formação das irmandades religiosas negras pode ser um valioso instrumento para a construção de uma prática antirracista. Podemos afirmar isso pois ao apresentar a história destas instituições iremos transpor as visões reducionistas, desumanas e objetificadoras que recaem sobre a história dos afro-brasileiros.

Estamos propondo uma leitura mais dinâmica para o papel das irmandades religiosas negras. Observamos ao longo do artigo que existiam relações complexas que envolveram diferentes atores e difíceis escolhas para a formação e a manutenção destas irmandades. Que seus agentes buscavam conciliar ao mesmo tempo conforto espiritual e material.

Não estamos aqui afirmando que as irmandades religiosas serviram única e exclusivamente como focos de resistência ao regime escravista. Elas também agiram, pelo menos em parte, como instrumentos de propagação do escravismo no Brasil. Mas é justamente esta dualidade que faz da história destas instituições, e de seus membros, um valioso instrumento para a quebra de estigmas e preconceitos. Diversidade, contradições e escolhas fazem parte das mais diferentes narrativas históricas e o caso das irmandades religiosas negras não é diferente.

Agir no limiar entre o socialmente aceito e tensionar para mudanças além de garantir a manutenção da vida são as principais características das irmandades religiosas negras em nosso entendimento. Com o esforço e comprometimento necessários os professores de história, mas não somente estes, podem se utilizar das histórias das irmandades religiosas para, junto de seus alunos, construir narrativas outras sobre a participação de africanos e seus descendentes na formação do Brasil.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ALBERTI, Verena. Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira. In: PEREIRA, Amilcar Araújo & MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). **Ensino de História e Culturas Afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BOSCHI, Caio César. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). **História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas**. Belo Horizonte: Autêntica/ Companhia do Tempo, 2007.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Negros e educação no Brasil. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 325 – 346

KARASCH, Mary. Construindo comunidades: as irmandades dos pretos e pardos. **História Revista**, 15(2), 257–283, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/14128> acesso em 22/11/2021

MELO E SOUZA, Marina de. Catolicismo e Comércio na Região do Congo e de Angola, séculos XVI e XVII. In: FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; JUCA, Antônio Carlos; CAMPOS, Adriana (orgs). **Nas Rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português**. Vitória: Edufes, 2014, p.259 – 276.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?**. Revista do Instituto de Estudos brasileiros 62 (2015): 20-31.

REGINALDO Lucilene. Irmandades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). **Dicionário da escravidão e Liberdade: 50 textos críticos**. 1ed.São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v. , p. 268-274.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito; a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

_____. Identidade e diversidade étnicas nas Irmandades Negras no tempo da escravidão. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 3, p. 7-33, 1996. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-1.pdf Acesso em 23/11/2021

RUGENDAS, João Maurício. **Viagem pitoresca através do Brasil**. 8. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979, p. 279.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Mariza de Carvalho de Souza (Org.). **Diálogos Maki de Francisco Alves de Souza: manuscritos de uma congregação católica de africanos Mina, 1786**. São Paulo: Chão Editora, 2019.

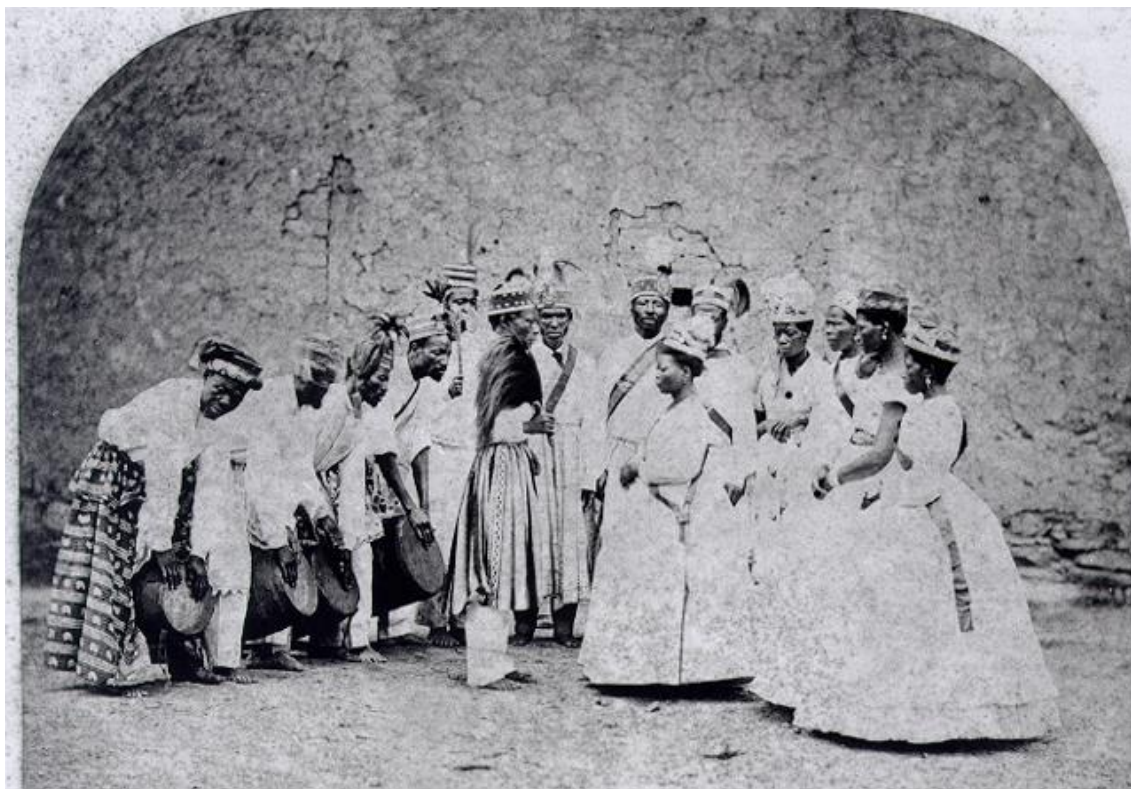
SOUZA, Mônica Lima. **Fazendo soar os tambores: o ensino de História da África e dos africanos no Brasil**. Cadernos Pedagógicos PENESB, Niterói, n. 4, 2004, p. 65-77.

THORTON, Jonh K. Religião e vida cerimonial no Congo e áreas Umbundo, de 1500 – 1700. In: HEYWOOD, Linda M. **Diáspora Negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p.81 -100.

Anexo I - inventário dos lugares de memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil

http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/4_inventario_igrejas.pdf

Anexo II - fotos de congadas no século XIX



SILVA, Arsenio da. **[Congada]**: [festa religiosa de origem africana]. Brasil: [s.n.], ca. 1860. 1 foto, cópia fotográfica albuminada, p&b, 18 x 24 cm em cartão-suporte: 32 x 45 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1464045/icon1464045.jpg. Acesso em: 25 set. 2020. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1464045/icon1464045.html. Acesso em: 25 set. 2020.



RIEDEL, Augusto. **Congado dos Pretos em Morro Velho**. Nova Lima, MG: [s.n.], [1868-1869]. 1 foto, papel albuminado, pb, 21,8 x 27,9. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=5552. Acesso em: 25 set. 2020.

Anexo III - cartaz da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro



S. Benedito: Irmandade de N. S. do Rosario e S. Benedito dos Homens Pretos fundada em 1640. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 18--?. 1 grav., litograv., pb, 27,3 x 17,9cm em papel 42 x 29,1. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1335760/icon1335760.jpg. Acesso em: 25 set. 2020. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1335760/icon1335760.htm. Acesso em: 25 set. 2020.

Anexo IV - recortes de jornais sobre a perseguição as religiões de matriz africana

QUANDO FAZIA "SALAMALEQUES"

O "macumbeiro" foi preso em flagrante

Os investigadores da Secção de Toxicos e Mystificações, chefiados



Moysés Galdino

pelo commissario Pericles de Castro, deram uma batida na casa do largo das Neves n. 4, residencia de Moysés Galdino, que se entrega á policia da "magia negra".

Aquelles policiaes chegaram no momento em que Moysés Galdino fazia "salamalesques" e dava "passes" a diversos consultentes.

Preso em flagrante, Moysés Galdino foi levado para a Central de Policia, onde, depois de autuado, o recolheram ao xadrez.

Na hora solemne da invocação...

A policia cercou a casa do "Pae de Santo" e prendeu todas as pessoas presentes á "sessão" — Uma diligencia ruidosa no bairro de Botafogo



http://memoria.bn.br/DocReader/221961_01/21973